

Entre saberes e resistência: a Etnomatemática que me atravessa

Matheus Moreira da Silva

Goiânia, Goiás, Brasil

matheus_moreira@ufg.br

Doutor em Educação em Ciências e Matemática

Universidade Federal de Goiás

<https://orcid.org/0000-0002-3925-6527>

Ouvir o outro é, talvez, um dos gestos mais potentes que podemos realizar. Não apenas porque nos desloca de nossas certezas, mas porque nos abre a possibilidade de habitar outros mundos — mundos onde as relações culturais deixam de ser hierárquicas e passam a ser dialógicas. É nesse movimento que me permito escrever esta crônica: não como um relato técnico, mas como um convite ao encontro, ao respeito e à construção de uma paz que se faz na escuta.

Peço licença a quem lê. Escrevo movido por memórias, afetos e inquietações. Escrevo tentando compreender o caminho que me trouxe até aqui — e, mais do que isso, tentando dar sentido a ele.

Lembro-me com clareza de março de 2012. Era o início de um sonho antigo: cursar Licenciatura em Matemática em uma universidade pública. Havia ali um misto de alegria e insegurança. Alegria por finalmente adentrar um espaço tão desejado; insegurança por perceber, logo nos primeiros momentos, que os desafios seriam maiores do que eu havia imaginado.

Os conteúdos iniciais exigiam uma base sólida que, por vezes, parecia me faltar. Ser oriundo de escola pública trazia consigo marcas — algumas delas difíceis de nomear, mas fáceis de sentir. Ainda assim, havia algo que permanecia firme: o desejo de ser professor. E esse desejo, aos poucos, foi se tornando mais forte que as dificuldades.

Foi também nesse primeiro ano que algo inesperado aconteceu. Ingressei como bolsista no Programa de Educação Tutorial da Licenciatura em Matemática (PETMAT). Ali,



sob orientação do professor José Pedro Machado Ribeiro, comecei a perceber que a Matemática poderia ser muito mais do que fórmulas e procedimentos. Durante três anos e dois meses, vivi experiências que transformaram profundamente minha maneira de compreender o conhecimento.

Mais do que um orientador, encontrei alguém que me apresentou novos horizontes. Foi por meio dessas conversas, muitas vezes informais, que tive meu primeiro contato com a Etnomatemática. E esse encontro não foi apenas acadêmico — foi, sobretudo, humano.

A Etnomatemática me provocou. Fez-me questionar aquilo que, até então, eu considerava como dado e imutável. Trouxe à tona a ideia de que existem múltiplas formas de saber, de fazer, de explicar o mundo — e que todas elas carregam valor. Foi como se uma nova lente tivesse sido colocada diante dos meus olhos.

Ao mesmo tempo, outras vozes passaram a ecoar em minha trajetória. Entre elas, a de pesquisadores que denunciavam o distanciamento entre os discursos de justiça e as realidades vividas por povos historicamente excluídos. Essas reflexões reforçaram em mim a necessidade de olhar para a educação de maneira mais ampla, mais sensível às dimensões culturais, sociais e políticas que a atravessam.

Foi nesse entrelaçamento de experiências que comecei a compreender a força da transdisciplinaridade. Já não fazia sentido pensar o conhecimento de forma fragmentada. As fronteiras entre áreas começaram a se dissolver, dando lugar a conexões mais vivas, mais complexas — e, ao mesmo tempo, mais humanas.

Esse movimento se intensificou durante o mestrado, quando tive a oportunidade de investigar, à luz da Etnomatemática, as formas como professores indígenas em formação compreendiam as relações comerciais em seus contextos. O contato com esses sujeitos foi, novamente, transformador.

Ali, percebi com mais clareza os impactos do capitalismo sobre diferentes culturas — impactos que, muitas vezes, silenciam saberes e desestabilizam modos de vida. Mas



também percebi resistências. Vi práticas, conhecimentos e formas de organização que insistem em existir, apesar das pressões externas.

Essas experiências me fizeram repensar minha própria prática docente. Passei a compreender que ensinar Matemática não pode se limitar à transmissão de conteúdos. É preciso problematizar, dialogar, reconhecer contextos e valorizar saberes diversos. É preciso, sobretudo, estar disposto a aprender com o outro.

Hoje, ao revisitar essa trajetória, percebo que ela não é linear. É feita de encontros, desencontros, dúvidas e descobertas. É atravessada por afetos, por desafios e por transformações constantes.

E talvez seja isso que a Etnomatemática, em sua perspectiva transdisciplinar, nos ensine: que o conhecimento não está pronto, nem pertence a um único lugar. Ele se constrói no movimento, no diálogo, na escuta.

Se esta crônica tiver algum sentido, que seja o de provocar. Provocar o olhar, a escuta e, quem sabe, o desejo de também trilhar caminhos que reconheçam e valorizem a diversidade de saberes que compõem o nosso mundo.

Porque, no fim, talvez seja isso: aprender a ouvir o outro é também aprender a reinventar a nós mesmos.



Entre saberes e resistência: a Etnomatemática que me atravessa

Between knowledge and resistance: the Ethnomathematics that runs through

Entre saberes y resistencia: la Etnomatemática que me atraviesa

Resumo

O texto reflete sobre a potência de ouvir o outro como caminho para o diálogo, o respeito e a construção de uma educação mais humana. A partir de memórias da formação em Matemática, o autor relata desafios, descobertas e o encontro transformador com a Etnomatemática, que ampliou sua compreensão sobre o conhecimento. Destaca a valorização de saberes diversos, a crítica às desigualdades e a importância da transdisciplinaridade. Experiências acadêmicas e o trabalho com professores indígenas reforçam a necessidade de uma prática docente sensível aos contextos culturais, evidenciando o conhecimento como construção coletiva, dinâmica e atravessada pela escuta.

Palavras-chave: Etnomatemática. Escuta. Transdisciplinaridade. Saberes diversos. Prática docente.

Abstract

The text reflects on the power of listening to others as a path toward dialogue, respect, and the construction of a more humane education. Drawing on memories from his Mathematics training, the author recounts challenges, discoveries, and a transformative encounter with Ethnomathematics, which broadened his understanding of knowledge. It highlights the appreciation of diverse forms of knowledge, critiques inequalities, and emphasizes the importance of transdisciplinarity. Academic experiences and work with Indigenous teachers reinforce the need for a teaching practice sensitive to cultural contexts, showing knowledge as a collective, dynamic construction shaped through listening.

Keywords: Ethnomathematics. Listening. Transdisciplinarity. Diverse knowledge. Teaching practice.

Resumen

El texto reflexiona sobre el poder de escuchar al otro como camino hacia el diálogo, el respeto y la construcción de una educación más humana. A partir de recuerdos de su formación en Matemáticas, el autor relata desafíos, descubrimientos y un encuentro transformador con la Etnomatemática, que amplió su comprensión del conocimiento. Destaca la valoración de saberes diversos, cuestiona las desigualdades y subraya la importancia de la transdisciplinariedad. Las experiencias académicas y el trabajo con docentes indígenas refuerzan la necesidad de una práctica docente sensible a los contextos culturales, mostrando el conocimiento como una construcción colectiva, dinámica y atravesada por la escucha.

Palabras clave: Etnomatemática. Escucha. Transdisciplinariedad. Saberes diversos. Práctica docente.

